

Larry Crabb, *Conexão: O Poder Restaurador dos Relacionamentos Humanos. O Plano de Deus Visando a Cura Emocional*, trad. Eduardo Pereira e Ferreira (São Paulo: Mundo Cristão, 1999), 225 pp. Original em inglês *Connecting*.

Larry Crabb é bem conhecido dos leitores brasileiros interessados em aconselhamento, através de diversas de suas obras publicadas em português. Uma das mais recentes é *Conexão*. Trata-se de uma proposta de desenvolvimento de comunidades terapêuticas, baseada na convicção de que Deus "incutiu em nós [pessoas salvas] recursos extraordinários, que... se liberados... poderiam realizar proezas que hoje cremos que só especialistas conseguem" (15). Liberar tais recursos no trato com pessoas é conectar-se com elas.

Trata-se de uma nova perspectiva no trabalho de Crabb, reconhecido terapeuta cristão. O autor defende a sua proposta admitindo e relatando crises pessoais e familiares, nas quais enfatiza a importância da conexão. Não se intimida em afirmar que há casos específicos para os quais é necessária a assistência de um terapeuta profissional, mas que o grande volume de tratamento terapêutico está mesmo nas mãos de cristãos não-profissionais. Aliás, este é o público pretendido por ele em *Conexão*.

Até algumas décadas atrás, nada ou quase nada se falava a respeito de medo, insegurança ou traumas dos cristãos. Havia, e há, a pregação contra a vida pecaminosa, baseada em princípios bíblicos, e a exortação de cumpri-los. Larry Crabb entende que é urgente a libertação da pressão desse tipo de pregação, que ele chama de moralismo (19), e que se constitui em acusar o cristão de pecador, sem dar-lhe condições de resolver conflitos íntimos e de relacionamento com o semelhante. A seu ver, crentes conectados são instrumentos de cura da alma (21).

O autor reúne textos bíblicos nos quais identifica a conexão existente na Trindade e, a partir dela, argumenta a favor da conexão humana com Deus e com o próximo. Confronta bíblicamente o que qualifica de trindade maligna: o diabo, o mundo e a carne, identificando-os como inimigos contumazes da conexão. Trabalha textos bíblicos com muita imaginação para destacar a conexão (93). Desenvolve seu argumento em torno da santificação e, conseqüentemente, da mortificação do velho homem, para que seja viável o uso dessa pessoa cristã de forma terapêutica, em comunidades terapêuticas. Combate a idéia de que as igrejas devem unicamente ensinar a Bíblia e exigir o cumprimento de suas doutrinas, sem dar condições para que o cumprimento das mesmas se efetive. Enfatiza continuamente o aspecto terapêutico da comunhão. Ao final, Crabb introduz alguns apêndices, nos quais dirige-se aos conselheiros não profissionais e aos profissionais.

A obra é constituída de dezoito capítulos e principia com a exposição de um caso do filho mais velho do autor, com a qual Crabb dá os primeiros conceitos da *conexão*: compreensão do próximo e início de uma relação evangélica com ele, mediante uma profunda comunhão com Cristo (29). A seguir, apresenta os três componentes que devem existir na comunidade terapêutica: a) a recordação dos efeitos da presença de Cristo nos salvos (38); b) a procura deliberada do bem na pessoa, que Deus deseja manifestar através das provações (41); c) a busca do mal que produz a desconexão e a apropriação da misericórdia de Deus (45). Ele exemplifica o poder da conexão na vida de um famoso líder espiritual (49).

Nos capítulos 4 a 7, o autor argumenta a favor do poder da conexão e nega a mesma eficácia aos modos alternativos de auxílio. Para ele, “o Evangelho de Cristo nos conecta a Deus, a nós mesmos e aos outros; planta algo vivo e maravilhoso nos nossos corações perdoados, algo que estende uma ponte sobre a separação e nos conecta numa união vivificante” (22). Para Crabb, a Trindade é a base da conexão. Numa comunidade de cristãos conscientes de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus e salvos por Cristo, é imperativo falar-se em copiar o modelo. Assim, pessoas salvas, tendo em si a poderosa vida de Cristo, têm algo a dar, algo capaz de transformar totalmente a existência de uma pessoa (102).

Nos capítulos 8 a 14, Crabb responde a algumas perguntas: a) a conexão verdadeira entre as pessoas é rara, porque somos naturalmente desconectados de Deus, de nós mesmos e dos semelhantes, pelo mal que habita em nós (117); b) Satanás, o mundo e a carne impedem a conexão; os cristãos devem mortificar suas paixões carnis (127); c) aceitamos uma conexão fingida, uma falsa intimidade que não transforma ninguém, quando não estamos dispostos a lutar contra o inimigo (134); d) para eliminar os obstáculos que nos impedem de alcançar a conexão, precisamos aprender juntos a mortificar a carne e a resistir aos impulsos pecaminosos (147).

Nos capítulos 15 a 18, o autor propõe uma estratégia para a conexão eficaz: a) a igreja deve trabalhar a favor de menor privacidade pessoal de seus membros e maior engajamento na batalha de “cultivar um bom relacionamento com Deus” (208); b) a igreja deve estimular a visão de seus membros, inspirada pelo Espírito, sobre o que há de Deus na vida dos carentes, e pensar nessa visão ao invés de pensar nos problemas; isto significa compartilhar graça e não juízo (222); c) a igreja deve estimular cada um de seus membros a crescer segundo a imagem de Cristo, por meio de estudo, oração, adoração e vida liberal de serviço aos outros (251).

Como se pode notar, Larry Crabb baseia a sua argumentação em textos bíblicos, para mostrar que a vida de Cristo nos salvos, no contexto de uma comunidade terapêutica, deve desenvolver a conexão vista na Trindade. Não tem a preocupação de escrever uma obra teológica, embora aborde princípios teológicos. Quando trata dos objetivos de nossa criação segundo à imagem de Deus, não leva em conta os efeitos desastrosos da queda ao declarar o que somos capazes de fazer. Somente mais à frente, no processo de mortificação da carne, é que admite nossa total impossibilidade, sem que haja a conversão e a ajuda eficaz do Espírito.

Sua postura é de conselheiro. Apesar disso, trata o leitor como seu confidente. As confidências do autor acabam sendo úteis para pastores e líderes, interessados ou não em aconselhamento. Larry Crabb se expõe, revelando os bastidores do consultório terapêutico, o que, obviamente, atrai os curiosos.

Mas, a despeito dessa motivação fútil, há lições interessantes. Os conselheiros não devem depender somente de sua tabela de diagnósticos, com soluções programadas e impessoais. Os conselheiros profissionais não são os únicos que podem ajudar pessoas em seus dramas. Os conselheiros são tão humanos quanto as demais pessoas e por isso também precisam ser ajudados em suas crises. O ambiente para o cuidado da grande maioria das pessoas é aquele onde Cristo é adorado, amado e servido, na comunhão e compartilhamento dos salvos. Está lançado o desafio de abrimo-nos uns aos outros, não para discutir, mas para repartir o dom de Deus, de perdão, de exortação e de consolação.

Wilson do Amaral Filho